

## **Olhar e não ser vista: considerações sob/sobre o invisível**

CAROLINA FERREIRA DE SÁ MORAES

■ 98

Carolina Ferreira de Sá Moraes é jornalista e pesquisadora, atualmente faz mestrado no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de Processos Artísticos Contemporâneos. Sua pesquisa se desenvolve a partir de um trabalho artístico intitulado 'eu não sou vista', uma frase/proposição/intervenção, em que são utilizados procedimentos ficcionais que descrevem e sinalizam estados de in-visibilidades e apagamentos - discursivos e afetivos.

Afiliação: Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) - Florianópolis SC, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0185-6559>

## ■ RESUMO

A partir de uma proposição - não ver a própria imagem -, este artigo é um escrito sobre uma experiência de *autoinvisibilidade* e seus desdobramentos. Além de relatar sobre este período de desvio de olhares (de espelhos / imagens) e uma possível relação dessa ação com o modo de escrever, traz reflexões e intersecções com textos e trabalhos artísticos de autores que tratam sobre questões como a invisibilidade e a fronteira.

## ■ PALAVRAS-CHAVE

Espelho, in-visibilidade, fronteira, escrita.

## ■ ABSTRACT

From a proposition - not see the image itself -, this article is a writing about an experience of *self-ineness* and its unfolding. In addition to reporting about this look away period (of mirrors / images) and a possible relation of this action to the way of writing, it brings reflections and intersections with texts and artistic works by authors dealing with issues such as invisibility and frontier.

99 ■

## ■ KEYWORDS

Mirror, in-visibility, frontier, writing.

## Uma escrita em viés

Sob o efeito de uma *autoinvisibilidade*, uma restrição a ser seguida ao modo literário dos oulipianos<sup>1</sup>, em que aqui a instrução é não ver a própria imagem e também derivar sobre os desdobramentos dessa proposição, surge uma trama - uma trama-escrita ativada e tangenciada pela ação de não ver minha imagem durante um ano.

Às vezes, uma ideia ou pensamento surge de lugares esquecidos. No caso desse trabalho (da *autoinvisibilidade*), em algum momento, saltou uma lembrança que disparou o movimento de não ver minha própria imagem. Uma lembrança que na verdade foi um alargamento (e alagamento) do trabalho *eu não sou vista*. *eu não sou vista* é uma frase/proposição/intervenção de onde parte minha pesquisa em processos artísticos contemporâneos, em que utilizo procedimentos ficcionais que descrevem e sinalizam estados de apagamento e in-visibilidade. Para tanto, tenho construído e estudado práticas artísticas e discursivas que conversam, apontam, afirmam e também rompem com especulações sobre in-visibilidades, políticas e afetivas, trazendo suas problematizações e ao mesmo tempo suas possibilidades de existência. Tenho buscado com esta pesquisa experimentar e, ao mesmo tempo, refletir sobre o paradoxo: a ausência (o vazio, a invisibilidade, o não-ser) enquanto participação no mundo; o apagamento pela presença enquanto vista (objeto, paisagem passiva).

A ação foi ativada no dia 1º de janeiro e acontece durante todo o ano de 2019 - refletindo sobre a questão da temporalidade da ação, descobri o artista taiwanês Tehching Hsieh, que faz performances que duram um ano<sup>2</sup> -, desde então tenho (a)notado que estar sob o efeito de uma *autoinvisibilidade* tem me levado a reflexões sobre e para a escrita (desviar o olhar do espelho, o que acarreta muitas das vezes evitar olhares frontais). Não olhar de frente para o espelho me faz pensar em escrever de viés, de esquelha. Uma escrita, um pensamento de soslaio. Que aliás, é como me vejo, ultimamente, quando me esbarro sem intenção em espelhos. De soslaio.<sup>3</sup> Os espelhos têm sido rápidos e imprevistos. Numa primeira vez, desatenta, esbarrei com minha imagem. Ainda que tenha sido muito rapidamente, houve tempo de perceber um fio. Desde que parei de me olhar no espelho, vejo imagens fantasmas. Sem me olhar no espelho e sem me ver em fotografias, continuo vendo imagens. São imagens que esvanecem, que aparecem e desaparecem. Ao estar na frente do espelho e não me olhar (e não me ver) percebo que existe uma imagem, um corpo por perto. Seria a in-visibilidade dos invisíveis? Que são olhados mas não são vistos? Ouvi que o espelho é um vazio. Então, o ato de não me olhar no espelho me distancia do vazio?

## Com espelho sem espelho

<sup>1</sup>OuLiPo é um grupo que surgiu na França dos anos 60, formado por escritores que estabeleciam regras restritivas para suas produções literárias.

<sup>2</sup>Os trabalhos estão disponíveis no site do artista: <https://www.tehchinghsieh.com/>

<sup>3</sup>Estou chamando de escrita de soslaio, um texto que estou desenvolvendo para a minha pesquisa de mestrado. Um texto-ensaio sem capítulos, sem parágrafos, em que navego entre autores e proposições artísticas, indo e vindo, físgando e misturando uma coisa aqui, outra ali.

Diz-se que o visível é um metal in(e)stável - tradução livre do título do livro de Eva Lootz, "*lo visible es un metal inestable*" -, e que dois terços dos elementos existentes são metais. Em temperatura ambiente eles são duros, sólidos, com exceção apenas do mercúrio, que é líquido - que, além de líquido, é altamente tóxico, um dos motivos pelos quais, no século XIX, parou de ser utilizado na fabricação de espelhos. Para não intoxicar os artesãos, foi, então, substituído pela prata, um outro material metálico brilhante. No fim, agora mesmo, outros artesãos, os da beira de rios já não mais espelhados, aparecem invisíveis e adoecem em vazamentos programados. Ângulos cegos povoam a circunferência terrestre.

Entremeios, em estado *in-visível*, sem espelho - substituindo o objeto por pessoas<sup>4</sup> - e sem imagem, anoto impressões, achados e experiências: há espelhos por tudo, é preciso escapular; vidros também refletem, é preciso fazer cálculos para não ser vista; numa busca curiosa pela internet, encontro uma mulher norteamericana que ficou um ano sem se olhar no espelho, entre suas regras, "vitrines e qualquer superfície reflexiva precisam de atenção especial; olhar para a própria sombra é permitido".

Em conversas sobre o espelho, ouço: *o que é opaco, reflete. O que é transparente, vaza. O espelho tem um segredo causado por sua opacidade. Meu afastamento do objeto espelho não significa um afastamento ou falta de interesse por seus segredos. Pelo contrário, e contraditoriamente, tem me aproximado dele. Me interessa saber o que pensam e dizem sobre o espelho (origens, significações, conceitos, histórias, contos, parábolas, projetos, etc) e também o que é olhar-se ou não no espelho. E quero descobrir que segredos são esses. Essa mesma pessoa que refletiu sobre transparência e opacidade fez uma leitura de trechos do livro "El otro por sí mismo", de Jean Baudrillard:*

Tudo continua a existir e desaparecer simultaneamente. A descrição de tal universo projetivo, imaginário e simbólico sempre foi a do objeto como um espelho do sujeito. A oposição do sujeito e do objeto sempre foi significativa, como era o imaginário profundo do espelho e da cena [...] Hoje, nem cena nem espelho, mas tela e rede. Nem transcendência nem profundidade, mas superfície imanente [...] todo o universo que nos cerca e até nosso próprio corpo se transforma em tela de controle. (BAUDRILLARD, 1988, p. 9-10) (tradução nossa)<sup>5</sup>

Ouvir essas considerações me fazem perguntar: não olhar / ver meu corpo refletido no espelho me faz escapar de um controle? Será que a opacidade do espelho esconde o in-visível? O que se busca encontrar tanto no espelho quanto nas excessivas fotografias? O que se busca encontrar na própria imagem? É uma

<sup>4</sup>Para me ver, sigo a instrução dada por Yoko Ono, em Grapefruit, na PEÇA DE ESPELHO: "Em vez de arranjar um espelho, arranje uma pessoa. Olhe para ela. Use diferentes pessoas. Velha, jovem, gorda, pequena, etc. Primavera de 1964"

<sup>5</sup>Tradução da versão em espanhol: "Todo ello sigue existiendo, y simultáneamente desaparece. La descripción de tal universo proyectivo, imaginario e simbolico, siempre fue la del objeto como espejo del sujeto. La oposición del sujeto y el objeto siempre fue significativa, al igual que el imaginario profundo del espejo y de la escena. [...] "Hoy, ni escena ni espejo, sino pantalla y red. Ni transcendencia ni profundidad, sino superficie imanente [...] todo el universo que nos rodea e incluso nuestro propio cuerpo se convierten en pantalla de control." (BAUDRILLARD, 1988, p. 9-10)

busca em vão? Se não me vejo, começo a des-aparecer? Tenho a impressão que desviar dos espelhos, aumenta a possibilidade de *produzir-se como espelho*.

Num vai e vem de leituras, assuntos e textos entrecruzam-se. Depois de ler Baudrillard, cheguei na "Sociedade da transparência", em que o autor Byung-Chul Han traz apontamentos de Baudrillard. Transcrevo e comento aqui partes que me chamaram a atenção. Logo no começo, o autor fala de um "contato imediato entre imagem e olho" (HAN, 2017, p. 10), o que torna a imagem sem graça, sem profundidade, transparente. Transparência essa valorizada por uma sociedade que uniformiza e que não tolera o diferente. Uma sociedade que ávida por informação, por acreditar que assim se *ganha mais dinheiro*<sup>6</sup>, acaba se distanciando de escolhas intuitivas e, tomada pela necessidade do fazer, sem espaço pro vazio, não percebe que soterra pensamento e inspiração. Durante a leitura desse livro, em vários momentos, fiz anotações e relações com minha ação de *autoinvisibilidade*. Nessa proposição, além de não me ver em reflexos, não vejo fotografias de mim mesma. O que significa que não faço *selfies* (e se alguém tira uma foto minha, não olho, apenas a guardo para depois). No capítulo 'Sociedade da exposição', Byung-Chul Han fala do excesso de exposição das *coisas*, em que é preciso ser exposto para ser. O autor, para comentar sobre esse modo de vida de total transparência, sobre esse lugar escancarado em que as pessoas fazem questão de se colocar, diz que "a transparência é uma contrafigura da transcendência, e a *face* habita a *imanência do igual*" (HAN, 2017, p. 29) e cita Baudrillard: "... Na era do facebook e do photoshop o 'semblante humano' se transformou em *face*, que se esgota totalmente em seu valor expositivo. A *face* é o rosto exposto sem qualquer 'área de visão'" (BAUDRILLARD APUD BYUNG-CHUL HAN, 2017, p. 29). E segue ponderando sobre a fotografia digital, essa que não precisa mais de uma câmara escura e que faz acreditar ser possível findar com toda negatividade: "É um puro positivo. Extintos estão o devir, o envelhecer, o morrer..."(HAN, 2017, p. 30).

■ 102

### Da in-visibilidade fronteiriça

A partir de leituras e reflexões, tenho me interessado em olhar para as questões que tangenciam o debate sobre limites fronteiriços e suas in-visibilidades.

Em "*Los niños perdidos (un ensayo en cuarenta preguntas)*", a autora, Valeria Luiselli, uma mexicana que vive nos Estados Unidos, indignada diante das notícias sobre o aumento de *niños* refugiados, resolve trabalhar como intérprete em um centro de imigração, em Nova Iorque, para auxiliar as crianças que chegam e precisam responder a um questionário de admissão. '*¿Por qué viniste a los Estados Unidos?*' é a primeira das perguntas. Segundo Luiselli, foram para fugir da pobreza e da violência de seu país, foram para encontrar o pai ou a mãe ou algum parente que emigrou antes deles, foram numa tentativa de recompor suas vidas. Mas, com a política intolerante e sectária do atual governo, além da precariedade e hostilidade das regiões em que acabam vivendo, encontram a mesma violência. "Hempstead es un hoyo de mierda lleno de pandilleros, igual que Tegucigalpa", conta um adolescente hondurenho depois de seis meses tentando se adaptar à

<sup>6</sup>Cazuza, no fim dos anos 80, diz que vê o futuro repetir o passado. Um presságio acertado em 'O tempo não para'.

*nova vida*. Ao relatar histórias sobre essas crianças e adolescentes vulneráveis que chegam da América Central, atravessando a fronteira ilegalmente, a autora vai delineando questões sobre identidade e pertencimento e delatando o modo como estes imigrantes são recebidos e vistos no país. São vistos e chamados de *aliens*. Uma manifestação extremamente ofensiva do sistema de imigração em relação às pessoas que não são estadunidenses, residentes ou não. São os indocumentados. Para além dos problemas burocráticos, a violência é, e tem sido, brutal por parte da polícia norteamericana. São crianças com pedras na mão, recebidas a balas. Balas contra *piedras*<sup>7</sup>.

Seguindo em procura de considerações sobre limites, me deparo com "Deambulações de um Contorno: ensaio para ser lido em voz alta, simultaneamente, por três pessoas", de Marcelo Coutinho. Para mim, ler este texto foi atravessar barreiras e fronteiras. Foi desviar o olhar e quiçá o corpo para o desconhecido. Coutinho, já no começo, atenta para as dicotomias excludentes - interior e exterior - que surgem a partir do conceito de fronteira; fronteira, como ele diz, o menos sutil dos "nomes para evocar-se a imagem do 'limite'"(COUTINHO, 2003, p. 66). Ele aborda desde limites concretos, como as fronteiras geográficas e seus conflitos, até limites mais abstratos, aqueles onde não há muros, não oficiais. Durante a leitura fiquei todo o tempo voltando para o título. Essa instrução de três pessoas lerem simultaneamente. Gosto sempre de convidar duas pessoas para lerem este texto comigo para fazer uma sobreposição de vozes:

Neste par binário [interior e exterior] será a noção de propriedade, de pertencimento que, deslizando, configurará outra entidade igualmente abstrata: a identidade. Mas, se as fronteiras funcionam como a salvaguarda para uma suposta identidade, quando vistas a curta distância, revelam-se prenhas de alteridades. Na verdade, as fronteiras anseiam por elas. [...] Infinitas alteridades. Alteridades dentro de outras alteridades. Pois é na busca do não-si, que a irredutibilidade do self se monta. Trata-se de uma busca paradoxal, pois o si não possui local de paragem. Seria, antes uma ação, um movimento, um exercício de perene detecção de suas desposseções. (COUTINHO, 2003, p. 66)

Sobre os limites concretos, os geográficos, ele fala, por exemplo, que as permissões de entrada nas fronteiras são dadas a partir de compatibilidades:

Em meio aos arames farpados e ao fluxo dos passeantes, o agente da fronteira credencia ou nega entradas e permanências. [...]os vistos proferidos são baseados em compatibilidades [...] compatibilidades por demais genéricas, margeadas por uma negação. A negação daquilo que seria tão substancialmente outro a ponto de ser insuportável, danoso. (COUTINHO, 2003, p. 69)

Lembro de um trabalho que aponta para essa questão das incompatibilidades. Um trabalho que faz uma crítica à política de imigração. "Muro

<sup>7</sup>Em nome da segurança nacional, um policial foi absolvido por ter atirado e matado um adolescente desarmado na fronteira entre México e Estados Unidos.

cerrando un espacio", do artista Santiago Sierra. Na bienal de Veneza ele construiu um muro mal acabado, que fecha a entrada principal do pavilhão espanhol, e numa outra entrada, na parte de trás, um vigilante uniformizado solicita aos visitantes que mostrem seu passaporte ou documento de identidade, pois a nacionalidade espanhola é requisito indispensável para entrar no pavilhão.

Ainda sobre o texto de Coutinho, quando ele fala sobre fronteira porosa, "... mais assemelhada a um filtro, esta que se estabelece entre particularidade e generalidade", relembro que o antropólogo Marc Augé diz que "Uma fronteira não é uma barreira, e sim um lugar de passagem, pois aponta, ao mesmo tempo, para a presença do outro e a possibilidade de um encontro com ele."<sup>8</sup> (AUGÉ, 2007, p. 21) (tradução nossa) Seguindo o mesmo pensamento, Coutinho traz sua ideia de como podem ser vistas essas fronteiras:

Por certos ângulos, aquilo que aparece como obstáculo, clausura, divisão entre áreas ou campos, surge como algo bem mais plástico, deslocável. Aquilo que surge como muro pode revelar-se fratura, brecha, fissura, esponja, poro. E as divisões surgidas com as cercaduras do limite, o dentro-fora, interior-exterior, parecem inebriar-se numa névoa de indefinições. (COUTINHO, 2003, p. 70)

■ 104

Me interessa pensar a fronteira como algo em movimento e indefinido - ainda que ao mesmo tempo seja aquilo que define. Pensar este lugar que possibilita o encontro, como diz Augé, pode ser, então, o lugar que nos faz enxergar o outro. Essa porosidade e o movimento dos contornos me fazem pensar a fronteira como o espaço *entre*, em que as relações é que estabelecem as identidades.

Fronteiras e muros - já em ruínas ou em mentes arruinadas, di-ante de seus consequentes apagamentos - se enfileiram. Eva Lootz faz uma analogia entre umas pedras ainda encontradas perto de Viena - "restos" entre os vinhedos de uma muralha construída pelos romanos para se protegerem dos bárbaros - com sua geografia interior. Diz de seu sentimento de desolação quando está em terras fronteiriças, ou quando recorda de acontecimentos vividos por ela em tempos de guerra. Diante dos fatos atuais, diante da crise migratória, infelizmente, parece ficar distante a ideia de Marc Augé de que uma fronteira pode ser este lugar de re-união. Se distancia por um lado, mas por outro, é uma ideia (um tempo) que se repete, no sentido histórico - fatos recentes, que endurecem cada vez mais as barreiras do mundo, como se estivessem reconstruindo os restos deixados por uma humanidade antiga que pretendia se defender de selvagens. Lootz se pergunta como teria sido sua vida se tivesse vivido em outro 'canto' da rosa dos ventos. Eu pergunto, como seria se norte-sul, leste-oeste se invertessem? Algo como o mapa invertido da América do Sul, de Torres Garcia. Poderia essa inversão / deslocamento acomodar a desapareção das barreiras fronteiriças? Umberto Eco em "Sobre os espelhos e outros ensaios" diz que "o espelho reflete a direita exatamente onde está a direita, e a esquerda exatamente onde está a esquerda" (ECO, 1989, p.7). Podemos considerar, então, que a presença de espelhos inviabiliza inverter ou subverter o já posto? Contorná-los pode ser uma estratégia? Uma estratégia para, quem sabe, experimentar as fronteiras - visíveis e invisíveis - como um espaço *entre*, um espaço

<sup>8</sup>No original: "Una frontera no es una barrera, sino un paso, ya que señala, al mismo tiempo, la presencia del otro y la posibilidad de reunirse con él." (AUGÉ, 2007, p. 21)

gerador de movimentos, um espaço sem dentro e sem fora, um espaço de encontros?

## Vias in-visíveis

Depois de passar por barreiras e fronteiras, chego a um "Olho mágico" - mostra e texto de Hélio Ferverza - que me aponta sobre a possibilidade de se descobrir o caminho caminhando. Para Ferverza, é como se as obras, nesta exposição, "[...]repentinamente começassem a dialogar, a olhar-se, a relacionar-se. Como se um encontro que parecia imprevisto estivesse sendo, na verdade, e há muito tempo, subterraneamente preparado" (FERVENZA, 2002, p. 68). Na feitura deste artigo, "Olhar e não ser vista: considerações sob/sobre o in-visível", percebo que vou dialogando, relacionando, trocando olhares entre / sobre / sob outros vários textos e trabalhos artísticos. Aqui, os *olhos mágicos* me interessaram pelo apontamento dos entrecruzamentos de um caminho, mas também por não serem certamente o que num primeiro momento é visto e percebido. Aquilo que se mostra não é exatamente o que se pode ver. O que se pode ver vai além do que se mostra: "Olhar: relação-inversão dos papéis entre ver e ser visto, intercâmbio de pólos entre aquele que vê e o visível" (FERVENZA, 2002, p. 70). Nessa dúvida sobre o olhar - quem olha? há um olhar? - faço uma tangência, indo para o outro lado, pro lado de quem (não) é visto, com a im-possibilidade da ausência enquanto participação, da invisibilidade como um modo de aparição. Algo como a fotografia, parte dessa exposição, de um menino que aparece com a cabeça coberta com um plástico transparente, pixado de vermelho por ele mesmo e que esconde seu rosto, como se estivesse com uma máscara sem olhos (*sem aberturas*). "É como se de um golpe, ante o instantâneo da foto, e escondendo seu rosto, ele se mostrasse" (FERVENZA, 2002, p. 73). Aqui, a possibilidade de realizar um estado de afirmação do in-visível se atesta. Ainda, sobre o paradoxo entre o visível e o invisível, me chama a atenção um outro trabalho comentado por Ferverza neste texto, em que ele recorta fotos de capas de revistas com pessoas usando máscara. Rostos encobertos na capa, o lugar mais visível: "[...] o lugar mais imediatamente visível dessas publicações, que se propõem justamente a mostrar, informar ou criar informações[...]" (FERVENZA, 2002, p. 71). Assim como para o autor de "Olho mágico", me interessa a relação entre o esconder da máscara e o mostrar da revista. Mostrar sem mostrar. Quando visto uma máscara para não me ver, apareço sem aparecer<sup>9</sup>.

Num vai e vem de des-aparições e in-estabilidades, volto ao "lo visible es un metal inestable" no momento em que Lootz se faz algumas perguntas: "Onde começam, onde terminam os ângulos cegos da visão? Como aparece de repente aquilo que antes passava sem ser visto (desapercebido)? [...] É possível acessar o (que está no) ponto cego?" (LOOTZ, 2007, p. 18) (tradução nossa).<sup>10</sup> E, para falar deste ponto oculto da visão e daquilo que escapa, daquilo que está escondido nas dobras do visível, ela recorda do filme *Blow up*, de Antonioni, em que um fotógrafo tira fotos despreziosamente de um casal que está distante e, ao ampliá-las,

<sup>9</sup>Como não vejo minha própria imagem, a estratégia quando quero tirar foto, é usar uma máscara.

<sup>10</sup>No original: ¿Dónde comienzan, dónde acaban los ángulos ciegos de la visión? ¿Cómo emerge de pronto lo que antes pasaba sin ser visto? [...] ¿Se puede acceder a lo que está en el punto ciego? (LOOTZ, 2007, p. 18)



descobre um misterioso assassinato; na ampliação, aparece no meio da folhagem a silhueta de um homem com uma arma na mão e em seguida outra imagem de uma pessoa morta. No entanto, apesar das imagens feitas mostrarem o crime, o fotógrafo não viu nada. Para Lootz, e eu tendo a concordar, "O visível é um território escorregadio e cheio de ângulos cegos" (LOOTZ, 2007, p. 24) (tradução nossa).<sup>11</sup>

## Ecos e mais reflexos

Gostaria de voltar a comentar alguns pontos-acontecimentos sobre a ação da *autoinvisibilidade*. Um dia me perguntaram onde acontece o eco do espelho. Respondi que o eco do espelho tem acontecido em (meus) reflexos súbitos, de momentos im-possíveis, quando não há tempo nem espaço para escapar. Assim como em um *eco sonoro*, apenas partes (as últimas) são vistas, são imagens, quase sempre, ininteligíveis, sem começo, são pequenas partes refletidas num espelho inesperado; também há o eco como restos desvanecidos e distantes, pois desvio de (minhas) imagens fotográficas - uma reprodução, uma repetição que ecoa inadvertidamente; e tem havido eco nos espelhos dos sonhos, nesse *lugar* sem controle e sem regra que acontece durante o sono. Nesse *tempo* que é, como diz Jonathan Crary, um "intervalo de tempo que não pode ser colonizado". Ali, nos sonhos vejo minha imagem no espelho, ali, a instrução / restrição da *autoinvisibilidade* não é seguida. Mesmo depois da tentativa de responder sobre o eco do espelho, a pergunta persiste: quando uma imagem é considerada reflexo? São apenas aquelas imagens refletidas pelo espelho? Uma fotografia pode ser um reflexo / eco? Segundo definição encontrada em dicionário, *eco tem como significado: 1. repetição de um som que se dá pela reflexão de uma onda sonora por uma superfície ou um objeto. 2. o som produzido por essa reflexão*. Ora, se o eco é o reflexo do som, podemos, então, dizer que uma imagem produzida pela reflexão do espelho também pode ser considerada um tipo de eco? E os ecos do espelho poderiam também ser os encontros que acontecem por estar sob uma *autoinvisibilidade*? Talvez eu não me deparasse com Svyato<sup>12</sup> se estivesse me deparando normalmente com minha imagem.

Seguindo em conversas e buscas, foi numa pausa, contando sobre a ação, *sem título*, de não ver minha própria imagem, que me contaram sobre o trabalho "*rovesciare i propri occhi*", de Giuseppe Penone, de 1970, em que o artista coloca em seus olhos, uma lente de contato espelhada. Para ver o trabalho, ver-te. Ao se ver no reflexo do espelho, o trabalho de Penone é visto. Traduzindo o título para o português: *inverter os próprios olhos*, reflito se o que experimento na ação de não ser vista por mim mesma é um tipo de inversão da proposição *eu não sou vista*. Pode ser uma inversão no sentido do olhar (do não olhar), pois não é mais o outro que não me vê, eu é que não me vejo, e assim, me faço vista ao não me ver. Ao mesmo tempo, ambos os trabalhos, a *autoinvisibilidade* e o *eu não sou vista*, acabam seguindo na mesma direção, pois se tornam visíveis ao tratar do invisível. Em um artigo intitulado "Tempo e espaço nas heterotopias de *Rovesciare i propri*

<sup>11</sup>No original: Lo visible es un territorio resbaladizo y lleno de ángulos ciegos (LOOTZ, 2007, p. 24).

<sup>12</sup>Svyato é um filme do documentarista russo, Viktor Kossakovski, em que ele mostra a descoberta pelo filho, aos dois anos, de seu próprio reflexo no espelho. O filme começa com uma citação: "E então tudo mudou no dia em que o homem viu pela primeira vez seu próprio reflexo".

occhi", a autora, Marina Andrade Câmara, comenta que: "No momento em que o artista não mais enxerga, por ter sua visão obstruída pela superfície opaca da combinação de lentes, ele revela ao outro – que está diante dele e observa a obra – aquilo que ele está incapaz de ver [...]" (CÂMARA, 2012 p.62). E sobre ver-se no espelho nas lentes de Penone, ela diz que:

"significa ver aquilo que o próprio autor da obra teria visto, ou, segundo ele mesmo, 'apropriar-se da obra antes que o autor a realize'(IKON GALLERY, 2009), em um gesto heterotópico, por potencializar a criação efetiva desse não lugar: 'me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho' (FOUCAULT, 2009, p. 415). Se a imagem refletida não é vista pelo outro, a obra não é criada" (CÂMARA, 2012, p. 66)

Me desloco outra vez para a *autoinvisibilidade* e me pergunto: Não me ver no espelho - '*lá onde eu não estaria*'- seria, então, poder ver, de algum modo, sem ver, aquilo que não é visto? Poder ver o in-visível? Seria potencializar o in-visível? Seria fazer o caminho inverso da utopia do espelho: me permite olhar lá onde estou ausente?

Tenho pensado que a imagem do / no espelho é como a voz *desossada*, descrita por Douglas Khan em *Noise, Water, Meat - a History of Sound in the Arts* (1999). É como ouvir a própria voz *fora*; essa voz que é outra, ou melhor, diferente, estranha quando *sai* do corpo. Ficar sem a referência da imagem especular exige - ou dizem que deveria exigir - uma consciência outra do próprio corpo. A falta de imagem no espelho acaba definindo meu corpo pelo volume que ele possui efetivamente. Sem a projeção de minha própria imagem, pergunto: o real, que antes se projetava e se convergia para meus olhos, induzindo percepções a partir da imagem refletida, é outro? Depois desses meses sem ver minha própria imagem, vejo no espelho partes do meu corpo escondido, pedaços de mim saltam em reflexos. Orelhas com brincos vermelhos. Fios de cabelos. Olhos não, continuam desaparecidos. E sigo mapeando os espelhos encontrados (que me encontram): a superfície convexa de uma chaleira (finjo que não me vejo); o retrovisor do carro do lado do passageiro (me contorço para não me ver); o espelho no restaurante (me deparo comigo sem tempo de desvio, e desvio).

Ouvi de uma colecionadora (ou empilhadora?) de silêncios que "há um silêncio potente no gesto de 'auto-invisibilidade' da ação de não olhar no espelho". Esse silêncio me importa assim como a invisibilidade me interessa como um modo de aparecimento. Acho importante trazer a distinção que Eni Pucinelli Orlandi, em "As formas do silêncio: no movimento dos sentidos", faz entre silêncio e silenciamento, em que ela diz que esse último não é silêncio, pois é imposto e que o sentido presente no silêncio é essencial para o significar. Busco com minhas ações e reflexões, a invisibilidade como uma espécie de silêncio e não o silenciamento pela invisibilidade.

### **Considerações finais**

Gostaria de apontar que este escrito é o modo que encontrei para registrar

meu trabalho - diferentemente de Tehching Hsieh, que fotografa, filma e documenta oficialmente suas performances para garantir a veracidade, não tenho ferramentas para atestar que esta *autoinvisibilidade* é uma ação verdadeira, a não ser este próprio relato - e que autores (artistas e pesquisadores) e manifestações artísticas e discursivas comentados neste artigo têm me ajudado a pensar estratégias de escrever e apresentar apagamentos, in-visibilidades e deslocamentos.

Assim, em processo de deslocamento, tem surgido intersecções com experiências artísticas que contemplam o espaço entre. Um não-lugar como espaço fronteiro, como diz Augé, que expande as possibilidades de existência e que é, ao mesmo tempo, aquilo que (de)limita e (re)coloca.

## REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. Por una antropología de la movilidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. El otro por sí mismo. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988.

CÂMARA, Marina Andrade. "Tempo e espaço nas heterotopias de Rovesciare i propri occhi". In: Revista Confluências Culturais. Joinville, v. 1, n. 1, p. 60-69, sep. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.univille.br/index.php/RCCult/article/view/67>>. Acesso: 14 jul 2019. <https://doi.org/10.21726/rccult.v1i1.67>

COUTINHO, Marcelo. "Deambulações de um Contorno: ensaio para ser lido em voz alta, simultaneamente, por três pessoas". In: Revista Item 6 - Fronteiras. Rio de Janeiro: Espaço Agora/Capacete, 2003, p. 66-72.

ECO, Umberto. Sobre os espelhos e outros ensaios. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

FERVENZA, Helio "Olho mágico". In: BRITES, Blanca e TESSLER, Elida (orgs.). O meio como ponto zero - Metodologia da pesquisa em Artes Plásticas. Editora UFRGS, 2002.

HAN, Byung-Chul. Sociedade da transparência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

KAHN, Douglas. Noise, Water, Meat: a history of sound in the arts. London: MIT Press, 1999. <https://doi.org/10.7551/mitpress/5030.001.0001>

LOOTZ, Eva. lo visible es un metal inestable. Madrid: Árdora Ediciones, 2007.

LUISELLI, Valeria. Los niños perdidos. Ciudad de México: Editorial Sexto Piso, 2016.

YOKO, Ono. Grapefruit. Belo Horizonte, 2009.

ORLANDI, Eni Pucinelli. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007. <https://doi.org/10.7476/9788526814707>

Como citar:

Moraes, C. F. S. (2020). Olhar e não ser vista: considerações sob/sobre o in-visível. *OuvirOUver*, 16(1), 98-109. <https://doi.org/10.14393/OUV-v16n1a2020-50926>



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.